

***SAPATEIRO DE BRUXELAS  
E OUTRAS CRÔNICAS***



**SAPATEIRO DE BRUXELAS  
E OUTRAS CRÔNICAS**

**ALCIDES MANDELLI STUMPF**



**Editora Sulina**

Copyright © Alcides Mandelli Stumpf, 2023

Capa: Blue Mind Comunicação

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda

Revisão: Simone Ceré

Editor: Luis Antonio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/060

---

S934s Stumpf, Alcides Mandelli

Sapateiro de Bruxelas e outras crônicas / Alcides Mandelli

Stumpf. – Porto Alegre: Sulina, 2023.

240 p.; 14x21cm.

ISBN: 978-65-5759-110-9

1.Literatura Brasileira – Crônicas. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-34

CDD: B869

---

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3110.9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Maio/2023

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Para minha mãe, Ivette Luiza,  
e meu netinho Domênico



## Agradecimentos

Alessandra Sonda  
Camile Longo  
Leonice Fátima Simonetto  
Rodrigo Finardi  
Salus Loch  
Lucas De Toni Reginatto  
Silvio Peter

## Agradecimentos especiais

Nilson Luiz May, amigo, incentivador e mestre  
Gilberto Schwartzmann  
Juremir Machado da Silva  
Colegas da Academia Erechinense de Letras



## SUMÁRIO

Quem é “O sapateiro de Bruxelas”? **13**

por Gilberto Schwartzmann

Sapateiro cronista **19**

por Juremir Machado da Silva

Sapateiro de Bruxelas **21**

O Sapateiro de Bruxelas e as formigas **23**

Paz infinitesimal **25**

A ironia do Sapateiro de Bruxelas **27**

Desmaterialização **29**

O Sapateiro de Bruxelas e os capachos **31**

As férias **33**

O outro lado do cosmos **35**

O espelho **37**

Destino **39**

Eleições e pecados capitais **41**

Mães e maio **43**

As máscaras e a Covid-19 **45**

Confissões em tempos de pandemia **48**

Os chatos e a Covid-19 **51**

O Sapateiro de Bruxelas e o (mau) uso das mídias sociais **55**

Zoologia eleitoral **58**

Os sete pecados capitais e ditados antigos **61**

Cócegas e maturidade **65**

Debates eleitorais e aventuras de capa e espada **69**

Finados e luz!	<b>72</b>
Bons homens, boas ações e o sentido da vida	<b>74</b>
A realidade, os negócios e o aperto de mão	<b>77</b>
Covid-19 e a obrigação de navegar para o futuro	<b>80</b>
#somostodosmariposas	<b>84</b>
De espelhos e almas	<b>87</b>
Um estrangeiro nem tão estranho	<b>89</b>
A esperança que vem do caos	<b>93</b>
Delfos pode ser aqui	<b>98</b>
Exaltação do livre pensamento	<b>102</b>
O Sapateiro de Bruxelas: pandemia e o caminho para o fim	<b>105</b>
Voo de Ícaro	<b>108</b>
Fim do universo e voo da galinha	<b>112</b>
Virtudes, pecados e fofocas	<b>116</b>
Inverno do Sapateiro de Bruxelas	<b>120</b>
Santos e pecadores	<b>123</b>
De Descartes a elementos descartáveis	<b>127</b>
Hobbes e o Brasil hoje	<b>130</b>
O Sapateiro de Bruxelas, aos pedaços	<b>133</b>
Meu pai, <i>mi viejo</i>	<b>136</b>
Dante Alighieri: 700 anos	<b>139</b>
Sociedade líquida	<b>144</b>
O general Colin Powell e minha avó	<b>147</b>
O rapto de Dafne	<b>150</b>
Fábulas e história	<b>154</b>
Pós-pandemia em oito capítulos: <i>live</i> do Sapateiro de Bruxelas	<b>156</b>
Gabinete de curiosidades – poesia	<b>162</b>
Inferno eleitoral	<b>165</b>
O fio de Ariadne	<b>168</b>

Velório e fim da Covid	<b>171</b>
Galinhas, economia e felicidade	<b>173</b>
Ao renascermos, a vida prevalece	<b>176</b>
O líder pragmático	<b>178</b>
Cassandra de Apolo e os novos tempos	<b>181</b>
<i>Blue moon</i> , uma canção além do seu tempo	<b>184</b>
A experiência de milgram e a pulga atrás da orelha	<b>186</b>
Atabalhoado encontro com o Sapateiro de Bruxelas	<b>189</b>
Cartas de amor / <i>love letters</i>	<b>192</b>
Contorcionismo e recompensa	<b>195</b>
A arte de falar mal	<b>198</b>
O anônimo veneziano	<b>203</b>
A poltrona do Sapateiro de Bruxelas e Camões	<b>206</b>
Eleitores indecisos	<b>208</b>
O andarilho acima das nuvens	<b>211</b>
A moça ao entardecer	<b>214</b>
Proust, tempos perdidos e tempos ganhos	<b>216</b>

AS CRÔNICAS SEGUINTE INTEGRAM O LIVRO “AMIGOS E MEDOS”,  
PUBLICADO PELO AUTOR EM 2018.

Fuga em abril (pequeno conto)	<b>223</b>
Os calendários e as moças	<b>225</b>
12 de junho: charutos e silêncio	<b>228</b>
Brevíssima história do adultério	<b>229</b>
Agora é cinzas!	<b>234</b>
O fim da desonra	<b>236</b>
Amigos e medo	<b>238</b>



## PREFÁCIO

### QUEM É “O SAPATEIRO DE BRUXELAS”?

Gilberto Schwartzmann

Para elucidar esse enigma, faço aqui alguns comentários introdutórios. Começo por lembrar ao leitor que há os sapateiros da vida real, hoje cada vez menos presentes no dia a dia das pessoas que vivem nas grandes cidades, mas há também aqueles sapateiros – igualmente importantes – que povoam o imaginário das crianças e aparecem nos contos de fadas de nossa infância.

Começemos pelo primeiro caso. Imagine o leitor como seria de fato a vida de um sapateiro de antigamente, modesto, tendo a sua pequena sapataria e à espera dos fregueses. Ele vive as durezas da vida. Ao ver as dificuldades do cotidiano, ele compartilha seus infortúnios com a freguesia, que também é composta por gente sofrida e descontente. Acaba que, entre sapatos remendados e consertados, a sapataria se torna o ponto de encontro de quem quer falar sobre as dores do mundo.

Não é à toa que, do fim do século XVII ao XIX e parte do XX, surge a figura do sapateiro com ideias políticas. Na obra *A formação da classe operária inglesa*, Edward Thompson descreve a vida do sapateiro Thomas Hardy, um dos fundadores da Sociedade Londrina de Correspondência, em fins do século XVIII. Preso por traição devido a uma reivindicação de reforma parlamentar, Hardy tem até a sua correspondência violada. A polícia descobre que o humilde sapateiro lia e divulgava a obra de Thomas Paine intitulada *Direitos do homem*, a qual fora banida por incitar a desordem social.

Seus comentários, materiais impressos, panfletos e edições baratas da obra de Paine ganham eco entre os trabalhadores das minas de carvão e das sociedades provinciais inglesas. Até no

Clube Jacobino, de Paris, ouviu-se falar da obra. Dizia um jovem comerciante, de nome Thomas Cooper, sobre a obra: “O livro me tornou politicamente mais louco do que jamais fui. É pleno de impacto e repleto de bom senso. E reforçado por uma profusão de assuntos provocativos”. E assim surgem muitos sapateiros como Hardy, espalhados pelas cidades do mundo.

Mas o que há de tão especial com os sapateiros? O que existe nessa profissão que faz com que esses artesãos mergulhem na leitura e façam tantos questionamentos? De onde o autor da presente obra tirou a inspiração para decidir denominá-la *Sapateiro de Bruxelas*? Deve haver algum motivo muito especial para que o autor tenha decidido chamá-la assim.

Segundo Eric Hobsbawm, no capítulo intitulado “Sapateiros Politizados”, da obra *Worlds of Labour*, traduzido para o português pela Editora “Paz e Terra”, em 2015, durante o século XIX, os sapateiros europeus e de outros países comportavam-se, muitas vezes, como ativistas políticos. Hobsbawm sugere que eles tenham ganhado reputação como militantes em protestos sociais, em movimentos de esquerda e que funcionavam como “ideólogos do povo”. Basta ver como os sapateiros constituíam um grupo organizado em países como França e Suíça.

Em 1848, em Constança, na Alemanha, houve uma rebelião e os sapateiros eram os trabalhadores em maior número entre os rebeldes. Na Comuna de Paris, em 1871, entre os detidos e deportados, os sapateiros eram o contingente mais numeroso. E isso não se restringia à Europa e América do Norte.

Na Argentina, juntamente com os carpinteiros, os sapateiros foram os primeiros a assinar sua participação na Federação de Trabalhadores, primeira tentativa da organização de um sindicato nacional, em fins do século XIX. E entravam em greve ocasionalmente. O leitor ainda tem dúvida? Quer mais indícios?

No Brasil, no Estado do Paraná, a “Associação dos Sapateiros”, um sindicato de inspiração anarquista, participou ativamente do primeiro Congresso dos Trabalhadores, em Curitiba. E no Rio Grande do Sul, em 1897, havia o registro de um sapateiro italiano anarquista.

Obviamente, os sapateiros não estavam sozinhos em suas reivindicações de cunho social ou político, havia outros grupos, como os marceneiros, carpinteiros e alfaiates. No entanto, parece claro que há períodos em que os sapateiros se destacaram mais na vida política. Segundo Hobsbawm, os sapateiros, com certa frequência, eram também jornalistas, escritores e eram chamados popularmente de “poetas-trabalhadores”. Havia sapateiros com ares de intelectual e uma reputação de que dominavam temas ligados à filosofia e à política.

Os sapateiros eram como “políticos de aldeia”, fazendo-se presentes em vários movimentos populares. Durante a Revolução Francesa, eles encabeçaram as multidões para torturar e assassinar o rei. Para mencionar exemplos geograficamente mais próximos, na Costa Rica, entre a década de 1930 e 1940, os sapateiros tiveram grande militância política. O “Sindicato dos Sapateiros” constituía um dos setores mais avançados do movimento sindical. Victor Acuña Ortega discute esse tema na obra *Fuentes orales e história obrera: El caso de los zapateros en Costa Rica*, publicada em 1985.

Mais recentemente, em 2014, no Brasil, Thiago Ernesto Possiede da Silva defendeu uma dissertação de mestrado no mínimo provocativa, na Universidade Federal do Paraná, intitulada *Entre sapatos & livros: a trajetória de um sapateiro na militância comunista em Paranaguá/Estado do Paraná, 1935-1964*. A pesquisa analisa as mobilizações dos trabalhadores da cidade e suas organizações, tendo como fio condutor a vida do sapateiro Antônio Araújo Rocha, homem com rica formação intelectual e dono de uma biblioteca, eu diria, com títulos impressionantes.

Eu paro por aqui e, por mais interessante que possa parecer a discussão sobre o papel social e político desses trabalhadores, devo reconhecer que os sapateiros, como nos tempos de minha infância, homens que passavam o dia inteiro em suas pequenas oficinas, a consertar solas de sapatos, colar ou bater pregos em saltos, e a falar dos mais diversos assuntos, são cada vez mais raros nas grandes cidades. Nos dias de hoje, as pessoas substituem sapatos velhos por novos. E mesmo os consertos são realizados por lojas especializadas,

localizadas quase sempre em centros comerciais, o que nem de longe lembra as velhas e simples sapatarias de rua.

Passemos aos sapateiros que aparecem nos contos de fadas, assunto aparentemente diverso. E há tantos sapateiros em contos de fadas! E eles estão presentes em várias culturas. Os sapateiros de nossos contos de fadas parecem resistir à força do tempo. Representam um universo de incontáveis histórias de sapateiros, duendes e anões. E, se analisarmos bem, trata-se quase sempre de histórias de sapateiros de perfil humilde e generoso. O mais conhecido deles, o conto clássico intitulado *O sapateiro e os duendes*, é baseado em histórias do folclore, registradas pelos Irmãos Grimm, na Alemanha. E as histórias continuam muito populares e são reproduzidas e adaptadas no mundo inteiro.

A lenda de nome “O sapateiro e os duendes” conta a história de um honesto sapateiro que trabalhava duro, mas não ganhava o suficiente para viver. Numa noite, ele constatou que lhe sobrava somente um pedaço de couro, o suficiente para fazer apenas um par de sapatos. Ele deixa o couro cortado, planejando montá-lo na manhã seguinte. Quando acorda, qual não é sua surpresa: os sapatos estavam prontos sobre a mesa. E pareciam uma obra de arte. O primeiro cliente que aparece adquire o par de sapatos imediatamente e por um bom preço.

Com o dinheiro, o sapateiro compra couro para fazer mais pares no dia seguinte e acontece a mesma coisa. Passa o tempo e ele prospera. Numa noite perto do Natal, ele e a esposa decidem espiar, para ver qual era o mistério: quem fazia o trabalho por ele. Quando chega a meia-noite, aparecem dois anõezinhos nus, que fazem para eles sapatinhos perfeitos. Para mostrar sua gratidão, o casal faz umas roupinhas e uns sapatinhos e os deixam no local, como presentes para os dois anõezinhos. Quando eles veem os presentes, os anõezinhos ficam radiantes e dão cambalhotas de alegria. E depois eles desaparecem. Quanto ao sapateiro e a esposa, eles vivem felizes para sempre.

As lendas da Irlanda falam do “leprechaun”, um sapateiro pequenino que trabalha incansavelmente entre os arbustos, a cos-

turar um pé de sapato. Ele é alegre e veste roupa verde, avental de couro, com um martelinho pendurado, sapatinhos de fivela, na cabeça um chapéu de três pontas e nas mãos um bastãozinho vermelho. O “leprechaun” produz somente dois pés de sapato por ano. O povo mais simples o considera um guardião dos tesouros escondidos. Por isso, para que se ponha as mãos num pote de ouro, é fundamental que se tenha um “leprechaun” por perto.

A pessoa interessada deve vê-lo primeiro, do contrário ele desaparece. E há um detalhe muito importante: o “leprechaun” não confia nos seres humanos, salvo se ele descobrir que há em seus corações amor e boa intenção. Então, o “leprechaun” lhes dá de presente um lindo par de sapatos, feito de couro, folhas, flores e gotas de orvalho. Há uma obra de Katie Griffiths, de 2015, intitulada *Leprechauns: creatures of fantasy*, editada pela Cavendish Square, que descreve em detalhes a lenda destes pequenos sapateiros.

No Brasil, a lenda de *O Sapateiro e os duendes*, dos Irmãos Grimm, teve uma versão adaptada para as personagens de Mauricio de Sousa e editada pela Girassol, em 2015. Trata-se de uma bela história sobre a generosidade de um casal de sapateiros que pratica o bem, mesmo em um período de dificuldades, o que atrai os duendes, que vêm ajudá-los. A história ensina que a gentileza e a solidariedade são atitudes que valem a pena. E as ilustrações são lindas, o que só faz aumentar ainda mais a beleza do momento de sua leitura.

Infelizmente, há exceções. Mary Packard, em seu *Rumpelstichen: Tales, Timeless*, obra produzida pela Editora Manole, em 1994, ensina as crianças sobre os riscos da ganância e da desonestidade, relatando a história de um anãozinho que ajuda uma jovem de nome Gisela a enriquecer de modo incorreto. O anão retorna um ano depois, para cobrar o seu direito sobre o bebê da jovem, uma história de dar medo a crianças e adultos. Por sorte, ela faz parte apenas do mundo da fantasia.

E como fica o nosso “sapateiro”? Na melhor posição possível nessa história. Alcides Mandelli Stumpf é o autor de *Sapateiro de Bruxelas* e isso eu posso afirmar com cem por cento de certeza.

Médico destacado em sua comunidade, ele vive e registra o cotidiano da pujante cidade de Erechim. Como grande humanista e homem das letras, o doutor Alcides – como as pessoas costumam chamá-lo –, nas horas em que sonha, projeta sua imaginária lente telescópica em várias direções, não apenas no planeta em que vivemos, mas muito além.

O doutor Alcides penetra na intimidade de si próprio e dos outros seres humanos, mas também de outras formas de vida que possam existir no Universo. É daí que nasce o sapateiro de Bruxelas. Em seus textos de jornal, reunidos nesta obra, ele revela que tudo vê, analisa e tenta emitir sua sincera opinião. O leitor que não tente entender como o tal sapateiro surgiu em Erechim, no sul do Brasil, um lugar aparentemente distante de mágica Macondo, de *Cem anos de solidão*, do grande Gabriel García Márquez. O que dizer da longínqua, fria e chuvosa cidade de Bruxelas, no coração da Europa. Aí reside o mistério.

O fato incontestável é que o sapateiro, lá de Bruxelas, eu imagino, interpreta o mundo e os homens. E as crônicas aparecem depois nos jornais. O texto traz elementos da realidade, com as esperadas indignações de qualquer cidadão de bem. Contudo, fala de cultura, arte, sentimento, com uma criatividade que daria inveja no colombiano. Vem daí *Sapateiro de Bruxelas*: um ser oriundo de um lugar imaginário, mas instalado na fria e chuvosa cidade belga. Entre uma e outra costura, incorporado ao seu alter ego, o sapateiro voa até Erechim, de onde emanam textos de uma lucidez borgiana, mas um mistério próprio de uma trama de Edgar Allan Poe.

Há, contudo, um elemento a ser considerado na obra *Sapateiro de Bruxelas*. Cada uma de suas crônicas traz a escrita atenta desse grande ser humano – o doutor Alcides –, o qual, transmutado ou não em sapateiro, seja ele vindo de Erechim, Macondo ou Bruxelas, tudo faz com imensa doçura. E, na contramão de muita gente feia que há por aí, o tal sapateiro insiste em ser um “leprechaun”, que escreve para construir um mundo melhor. É por isso que os sapatinhos que fabrica são sempre feitos para o bem.

# APRESENTAÇÃO

SAPATEIRO CRONISTA

Juremir Machado da Silva

Médico e escritor, Alcides Stumpf é um cronista de mão cheia, o que se pode constatar lendo este *Sapateiro de Bruxelas*. Cronista é quem consegue captar a essência do cotidiano com leveza e profundidade, como se o peso das coisas ficasse suspenso em função da graça da palavra. É isso que o leitor vai encontrar nestas crônicas saborosas, bem-humoradas e cheias de uma sabedoria suave e muito bem dosada. O cronista finge que tudo vai bem para poder exprimir os males que assolam a sociedade sem assustar o paciente, ou seja, o leitor. Talvez por isso um médico tenha tanta sensibilidade para as dores do dia a dia. Consegue diagnosticar com precisão e indicar o tratamento das coisas. De certo modo, antecipa o comportamento das pessoas depois de ter contado o que se passa com elas, com a gente, com todos nós.

Os temas abordados por este sapateiro antenado são os mais diversos possíveis. Sendo de Bruxelas, está ligado ao coração da União Europeia. Mas, com seu espírito cosmopolita, fala com desenvoltura de coisas ocorridas em Porto Alegre ou em Erechim. Personagem fictício, tem uma realidade tão densa que, vez ou outra, pode até abraçar o leitor no meio do caminho. A generosidade do cronista, característica fundamental de quem se debruça sobre as coisas simples da vida, isto é, aquelas que realmente importam, brota a cada página. Afinal, cronista não é juiz nem Deus para apontar o dedo ou condenar sem apelação, mas alguém que se identifica com o que narra. A cada linha, Alcides Stumpf parece dizer o quanto ele entende as hesitações, contradições ou decisões dos seus protagonistas. E lá vamos nós, nas pegadas do sapateiro, andando por ruas, ruelas, avenidas e estradas, acompanhando as

mazelas políticas e seus pecados capitais, parando no mês de maio para falar das mães, saltando casas para consumir uma deliciosa “zoologia eleitoral”, sentindo, mais adiante, as cócegas da maturidade, salvo se essas categorias apenas andam lado a lado para que sejamos levados a traçar paralelos entre elas nas horas de medo.

O sapateiro de Bruxelas conhece o seu ofício. Não se apressa, também não faz promessas que não possa cumprir no prazo. Do seu ponto de observação, ia dizer, com a expressão da moda, do seu “lugar de fala”, comenta, critica, ironiza, analisa, brinca e diverte-se, pois no espírito da crônica está a habilidade para falar sério sem esquecer a diversão. Ele fala do que gosta, como gosta ou por sentir que não pode se calar diante dos absurdos que nossa realidade insiste em servir a cada dia como um prato feito destinado ao cronista com apetite para as boas sacadas. Em cada crônica, o leitor verá o espírito do cronista, o ar do tempo, deste nosso tempo veloz e tão lento, no qual só nós é que passamos, e o ritmo desta época.

Uma coisa é certa e pode ser calçada sem qualquer aperto: este sapateiro de Bruxelas não prega prego sem estopa. O bom de ler um cronista como Alcides Stumpf é que, em tempos de inteligência artificial, a gente sai de alma lavada pela sua sensibilidade natural.